

## Paul Leduc

### Um mexicano que despreza o melodrama

Susana Schild

**A** PESAR do nome francês, Paul Leduc é um mexicano autêntico, particularmente preocupado com a cultura em seu país. Graças a seu último filme — *Frida, Natureza Viva* — o cinema mexicano conheceu uma projeção internacional inédita, talvez só comparável à fase de Buñuel naquele país nos anos 50. Apresentado *hors-concours* no Festival de Rio II, *Frida* conseguiu a unanimidade e o entusiasmo do público, e sua distribuição está em fase de negociação. Premiado em oito categorias no México, em três no Festival de Havana, no Fórum de Berlim e em Rotterdam, *Frida* acaba de receber também o primeiro prêmio no Festival de Uruguai. A caminho de casa, Leduc parou no Rio. Na rápida estada, conversou com Orlando Senna para a realização de um roteiro. O tema ainda é segredo.

Como forte tradição de um cinema melodramático, a trajetória da pintora Frida Kahlo corria sério risco na adaptação para as telas. Mulher do muralista Diego de Rivera, amante de Trotsky, a pintora teve pólio em criança e uma saúde precária toda a vida, sofrendo várias operações. Como em seu primeiro filme — *Reed* — México Insurgente, Leduc partiu da realidade para a ficção. E melodrama foi tudo que quis evitar, nesta produção independente, filmada em 16mm.

— O desafio foi justamente falar da tragédia sem cair no melodrama. Por isso a opção de imagens fortes, quase sem diálogos. Quis evitar o melodrama, mas não a emoção. Pode ser que alguém chore, mas será uma lágrima inteligente. Não a lágrima fácil dos seriados de televisão.

Leduc estava no Brasil por ocasião do trágico terremoto que matou dezenas de pessoas em seu país. Voltou e se deparou com a terrível imagem da concretização de uma metáfora: "Simbolicamente, o México já estava desabando, com todos os seus problemas sociais e econômicos. E, de repente, o desabamento, a destruição são concretos. Tudo realmente caiu aos pedaços."

E na contradição de que quem não conhece bem a cidade, poderá circular sem perceber os danos do terremoto. Só esbarrando neles por acaso. E, em uma situação sócio-econômica caótica, a do cinema, certamente, não seria exceção.

— O cinema mexicano vai mal, mas teria tudo para ir bem. O Estado tem laboratórios, distribuidora, toda a infra-estrutura necessária. Só não tem interesse no cinema. Afinal, o FMI prefere que os mexicanos vejam *Rockys* e *Rambos*.

Assim, algum impulso renovador fica restrito à atuação independente, com todos os problemas da área. Leduc vê com esperanças a possibilidade de uma integração cinematográfica com o continente — fundamental a seu ver. Ressalta a criação em Havana, em janeiro próximo, de uma escola de cinema para jovens cineastas de todos os países da América Latina. O que pode ser um bom começo.

Apesar da competição com a televisão e com o videocassete, Leduc vê com esperanças o futuro do

Foto de Geraldo Viola



"O cinema mexicano vai mal, mas teria tudo para ir bem"

cinema. Nem que seja de uma forma diferente. Afinal, o disco e a fita de gravador não acabaram com a música ao vivo. Pelo contrário. Talvez o vídeo seja uma forma de estimular a realização e a distribuição:

— As vezes penso que o cinema é um dinossauro, destinado ao desaparecimento. Mas prefiro encarar-lo como uma lagartixa, que sobrevive através dos tempos. Talvez não como música popular, mas como música de câmara.